

## JUVENTUDE

Fase da vida compreendida entre a infância e a vida adulta. Conjunto de pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Mocidade. Estado de espírito ativo e dinâmico (jovial). Os autores voltados ao tema da juventude têm apontado a dificuldade de sua definição consensual pela sua forte relação com diferentes contextos históricos, políticos e sociais, além da tendência a ser delimitada a partir dos paradigmas científicos de cada área de estudos. De uma maneira geral, os estudos sobre os jovens tenderam a se dividir entre duas abordagens teóricas: a *corrente geracional* e a *corrente classista*. (PAIS, 1993) A *corrente geracional*, filiada às *teorias da socialização* desenvolvidas pela *sociologia funcionalista* (EISENSTADT, 1956) ou à *teoria das gerações* (MANHEIM, 1952), preocupa-se com a questão das continuidades/descontinuidades intergeracionais. Para os autores dessa corrente, pode-se falar de uma *cultura juvenil* integrada ou em conflito com valores e visões de mundo de outras gerações em uma dada sociedade. Na perspectiva da *corrente classista*, a questão juvenil está subordinada às *relações de classe*. Para esse grupo, a transição dos jovens à vida adulta está determinada pela sua origem social, o que impede abarcá-los homogeneamente sob o mesmo conceito. (BOURDIEU, 1983; WILLIS, 1991) Este debate opondo geração e classe social tende a ser superado. Segundo Dubet (1996, p. 23), trata-se de um falso dilema, uma vez que é a expressão da emergência de uma cultura de massa no seio de uma sociedade marcada pelas clivagens de classe, estando a juventude “no coração desta tensão entre a formação moderna de um mundo juvenil relativamente autônomo e a idade da distribuição dos indivíduos na estrutura social”. A juventude, tal como a compreendemos hoje, pode ser vista como uma produção da modernidade. Segundo Ariés (1986, p. 45 - 46), será somente a partir do século XIX que se desenvolverá o valor atualmente atribuído a ela, quando passa a “tornar-se um tema literário e uma preocupação dos moralistas e dos políticos (...) como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada”. A partir daí, a juventude passa a ser uma *idade favorita*, na qual se deseja *chegar cedo e permanecer*, empurrando a infância e a velhice para faixas etárias mais limitadas. Embora reconhecendo a presença entre os antigos de uma ideia de infância e juventude, a emergência da juventude como uma categoria analítica

não pode assim ser dissociada do processo de *institucionalização do curso da vida* que caracterizou a modernidade, o que implicou uma *cronologização* da vida com a definição de etapas distintas – infância, adolescência, idade adulta, velhice – a partir de transformações em pelo menos dois aspectos: a constituição de relações econômicas baseadas na força de trabalho livre e a consolidação do Estado Moderno, que passa a regular a vida dos cidadãos, atribuindo-lhes direitos e obrigações a partir de sua idade legal. Por juventude também se entende uma fase de transição da infância para a vida adulta, um longo processo ao final do qual um indivíduo, para realizar as funções físicas da existência do adulto em coletividade, adquire as habilidades necessárias para desempenhá-las numa forma social determinada. No entanto, essa noção tem sido cada vez mais questionada por transformações sociais recentes que apontam para uma desconexão entre as idades e os papéis tradicionalmente desempenhados nas diferentes etapas da vida. Há uma tendência ao *adiamento da idade média de transposição* à vida adulta, dada pelo prolongamento da escolarização, pela postergação da entrada na vida ativa, pelo adiamento na formação de um novo casal e pela permanência na casa dos pais. Constata-se também uma *crescente desconexão* entre as portas da entrada na vida adulta, onde os papéis de adolescentes e adultos se confundem em torno de novos estatutos profissionais e familiares: jovens que trabalham e residem com os pais ou jovens que prolongam o tempo de solteiros vivendo sós ou com amigos. Esses fenômenos são vividos de diferentes modos, de acordo com o gênero ou a origem social e estão fortemente relacionados às mudanças sociais no âmbito do trabalho, da escolarização de massas e das práticas culturais e estilos de vida dos jovens. Nesse sentido, diversos autores contemporâneos questionam a ideia de uma transição linear dos jovens para a vida adulta. (GALLAND, 1996; PAIS, 2001; SPOSITO, 2002). Alguns estudos têm privilegiado o uso de *condição juvenil* como uma categoria mais apropriada para designar a juventude. O termo “refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.”, o que delimita “o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades.” (DAYRELL, 2007, p. 1108) ATTIAS-DONFUT (1996, p. 15) propõe que adotemos uma visão *multidimensional* e *pluritemporal* que compreenda a juventude como categoria

sociológica a partir de três eixos: 1 – O período de juventude, no quadro da organização do conjunto das etapas da vida; 2 – A inscrição dos jovens na filiação e nas relações de gerações; 3 – A formação de “agregados sociais”, na origem dos movimentos sociais ou de formas específicas de ações ou de expressões, suscetíveis de exercer uma influência nas sociedades. Esse modo de aproximação, segundo a autora, possibilita dar conta da *realidade efervescente e essencialmente mutante dos jovens* contemporâneos.

**GERALDO LEÃO**

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ATTIAS-DONFUT, C. Jeneusse et conjugaison des temps. *Sociologie et Societé: Les Jeunes*, Montreal, v. 28, n. 1, p. 13-22, 1996.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? : reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DUBET, F. Des jeneusses et des sociologies. Le cas français.” *Sociologie et Societé: Les Jeunes*, Montreal, v. 28, n. 1, p. 23-35, 1996.

EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 1956.

GALLAND, O. L’entrée dans la vie adulte en France: bilan et perspectives sociologiques. *Sociologie et Societé: Les Jeunes*, Montreal, v. 28, n. 1, p. 37-46, 1996.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). **Mannheim**: sociologia. São Paulo: Ática, 1982. 1952.(Grandes Cientistas Sociais). p. 67-95.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates*: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

SPOSITO, M. P. *Juventude e escolarização (1980/1998)*. Brasília: Comped, 2002. (Estado do Conhecimento, 7).

WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador*: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.